

NOTÍCIA DE PIRANDELLO

*Trecho de um ensaio de Oliveira Franco Sobrinho***

O Dia – 03 de julho de 1936.

Que dizer mais de Pirandello?

Sabe-se que o ilustre professor siciliano, muito antes de encontrar no teatro o prêmio de uma vida indiferente, não fez outra coisa que viver existência medíocre. A sua preocupação era ensinar meninos e meninas. E levou quase meio século assim. A sua prosa bastante fecunda e o seu espírito demasiado fino só conseguiam exasperar a crítica. Não sei bem quando começou a ser entendido.

A obra pirandellesca é inimiga da seriedade, e isso já notou Monner Sans, em trabalho interessante, sobre “El Teatro de Pirandello”. É Pirandello um ironista que muito pouco se incomodou de fazer ironia porque prefere copiar da vida a andar por aí quebrando a cabeça na criação de situações teatrais esquisitas. Por isso sua obra oferece copioso material para exame detido das suas idéias. É preciso não esquecer o que dele disse Ortega e Gasset. Muita razão sobra ao escritor espanhol: Pirandello é o verdadeiro inventor do teatro de idéias. E daí a dificuldade que teve, já em contato com o público, de afirmar sua técnica.

Não vi ainda estudo sobre Pirandello que não recordasse Bernard Shaw. Mas, entre os dois, não há nem pode haver comparação lógica. George Bernard Shaw compõe pilhérias. É um pilheriador autêntico. É o homem que melhor tem rido neste mundo. Que melhor tem rido da vida e dos homens. A obra de Shaw

é uma gargalhada sem fim. É o indivíduo mais escandaloso até hoje nascido na sisuda Inglaterra. Escandaloso e malcriado. Vegetariano por oposição sistemática. Fértil em farsas e pantomimas há, com razão, quem não o leve a sério. Com Pirandello não acontece o mesmo. É sério, seríssimo até em fotografias. Procura ser intelectual até na expressão do seu rosto e na imponência de sua barba simétrica. Shaw é disforme. Disforme em tudo. Em peças, em dramas ou comédias, chega ao fim antes mesmo de começar. Com Pirandello o fenômeno é outro – ele já começa pelo fim. O que vale para um estudo comparativo de Shaw e Pirandello é a técnica personalíssima, idêntica em muitos pontos, que os dois criaram, que não quer dizer que se assemelhem...

Contrariando Shaw, Pirandello intelectualizou o teatro. Intelectualizou e cerebralizou. Está longe de ser “uma palpitante expressão humana” como o definiu o crítico argentino sr. Octavio Ramirez. É super-humano. Cada trecho de peça é coisa nova que temos em mãos. Não esconde nada do espectador. É inimigo de mistérios e de encenações. O teatro de Pirandello não é malabarismo artístico. Dramático ou cômico, o italiano Pirandello é uma revelação da inteligência humana. É o homem do riso interior: o mais inteligente riso da Europa assanhada de Shaw e Chesterton.

*** Oliveira Franco Sobrinho publicou há tempos, no “Correio da Manhã” do Rio e na “Folha da Manhã” de São Paulo, uma série de artigos sobre Luigi Pirandello. Hoje publicamos, escrito especialmente para “O DLA”, o fecho desses artigos, que correspondem a um ensaio do autor.*